

*Matéria publicada pelo Jornal francês The Guardian, 19 de novembro. A tradução é do coordenador de cursos da Somiti, o médico intensivista Leandro Braz de Carvalho.*

### **'Cirurgia de guerra': médicos de hospital em Paris refletem sobre 12 horas de caos**

*Médicos da Cidade Luz dizem como eles lidaram com uma emergência em escala, que a França não vê desde 1945, e como estão os 221 pacientes ainda no hospital, após ataques terroristas em Paris.*

***Luke Harding e Kim Willsher em Paris  
Quinta-feira 19 de novembro de 2015 18,18 GMT***

“Cinquenta e sete dos feridos nos ataques em Paris permanecem em terapia intensiva na quinta-feira, três deles em estado crítico, na sequência de uma emergência médica sem precedentes para a equipe do hospital francês e que surpreendeu os médicos que a chamaram de ‘a cirurgia de guerra’.

Cerca de 221 pessoas ainda estão no hospital, segundo a associação dos hospitais de Paris, de um total de 433 feridos em vários tiroteios da última sexta-feira. Alguns podem ser liberados em poucos dias, enquanto outros serão submetidos à reabilitação, em longo prazo, para os ferimentos, com mudanças de vida sérias. Está sendo oferecido também o tratamento de especialistas em trauma psicológico.

Os feridos foram espalhados por toda a capital francesa. Os pacientes graves tratados em 35 diferentes teatros de operação. Segundo os médicos, a situação já normalizou, após as primeiras extraordinárias 12 horas, em que as equipes médicas francesas viram o maior número de ferimentos de bala desde a segunda guerra mundial.

Um cirurgião, Rémy Nizard, disse que as equipes que se formaram voluntariamente na noite de sexta-feira e na madrugada de sábado foram confrontadas com uma série de lesões traumáticas, incluindo numerosas fraturas na perna, fêmur, úmero e pé. ‘Foi a cirurgia de guerra’, disse ao Le Monde, acrescentando: ‘Algumas pessoas chegaram com um tiro na cabeça ou no pescoço. Alguns com fragmentos de explosão no globo ocular, com risco significativo de perder o olho’.

No Hospital Europeu Georges Pompidou, 49 pacientes inconscientes chegaram sobrecarregando a instalação e os seus procedimentos habituais.

‘Os médicos não sabiam quem eles eram. Eles escreveram números na testa e nas mãos dos feridos’, disse Morgane, uma enfermeira de 26 anos de idade, cujo colega trabalha na unidade de cuidados intensivos. Ela acrescentou: ‘Foi horrível. Ela estava absolutamente chocada’.

‘Essas pessoas tinham ferimentos de armas de guerra. É o tipo de coisa que você poderia esperar de campo de batalha’, disse Philippe Juvin, chefe do hospital de trauma. Sobre a sua equipe, ele acrescentou: ‘Ninguém vai sair dessa intocado. Todas as pessoas foram afetadas. Eles estão todos muito cansados, física e psicologicamente. Há tanta tristeza.’ Ele acrescentou: ‘Nós temos um psiquiatra à sua disposição. Para ser franco eu não sei por que eles foram afetadas desta maneira. Estamos acostumados a lidar com lesões dessa natureza. Lidamos com tiroteios. Mas não em tão grande número. Não 50 de uma só vez.’

O Georges Pompidou, onde alguns dos mais gravemente feridos foram tratados, é um amplo edifício de vidro perto do Ministério da Defesa da França. Suas bandeiras foram a meio mastro na quinta-feira; pacientes com lesões comuns foram transferidos. Numa estranha coincidência, ambulâncias, bombeiros e hospitais de Paris tinham ensaiado um cenário baseado num ataque do estilo ‘Charlie Hebdo’, na última sexta-feira de manhã, com mais de 100 vítimas de tiroteio. Horas mais tarde, este cenário aconteceu de verdade. Os feridos foram distribuídos sem problemas em pelo menos cinco hospitais da cidade, com um plano de emergência ativado.

De acordo com Jacques Duranteau, um anestesista no hospital Bicete, equipes médicas têm agora que sair da fase aguda. A situação estava voltando ao normal, disse ele. ‘Pode haver alguns ajustes, mas os pacientes hoje estão onde deveriam estar. Algumas das vítimas terão a partir de agora longos meses de tratamento e reabilitação. Aqueles que estão gravemente feridos terão que ter um tratamento específico. Para eles, o cuidado será físico e psicológico. O estresse que eles passaram é de um nível inimaginável.’

Os feridos estão se recuperando em pelo menos cinco hospitais diferentes em toda a cidade. Um deles é o hospital de Saint Louis, que é próximo do café bar Le Carillon e do restaurante cambojano. Pistoleiros mataram a tiros 14 pessoas, a alguns metros da entrada do hospital. No último fim de semana havia uma fila de público, de três horas, para doar sangue, ao lado de um monte crescente de tributos florais e velas.

Os funcionários da Salpêtrière Pitié, um dos maiores hospitais da Europa e um importante centro de ensino, também estavam voltando ao normal após alguns dias angustiantes. Cirurgiões trataram 52 pessoas, 25 das quais eram críticas. ‘As coisas voltaram ao normal. Nossas equipes se enfrentaram com uma situação Dantesca, como nunca antes’, disse Bruno Riou, o chefe da ala de emergência, ao Le Monde. Ele acrescentou: ‘Mais de 50 pessoas tinham sido baleadas. Não há precedente na França’.

Diretor médico do hospital, Pierre Carli, descreveu a resposta de seus colegas como 'excepcional'. ‘Nós estávamos lidando com ferimentos causados por armas de guerra. Este não é o nosso trabalho normal. Este é normalmente o trabalho de pessoas que operam em zonas de conflito. Identificamos, após Charlie Hebdo, que podemos ter que lidar com vítimas em grandes números, em vários lugares diferentes, ao mesmo tempo. Trabalhamos com esta hipótese desde o verão. Nós fizemos um ensaio na sexta-feira de manhã. Sabemos agora como estávamos perto da realidade. Nós nunca poderíamos ter imaginado realidade pior. ”

As 129 pessoas que foram mortas na sexta-feira foram agora identificadas. Uma das últimas a ser confirmada foi Lola Ouzounian, 17 anos . A filha de um professor de jornalismo foi morta a tiros junto com outros 88, na sexta-feira à noite, no teatro Bataclan.”



*Fotografia: Hospital St Louis agitado com médicos e cirurgiões que trabalham para salvar os feridos nos atentados terroristas de sexta-feira. Dr Porya Pashootan / Saint Louis Hospital*